

Educação, Informação Comunicação e Saúde: Proteções contra a DESINFORMAÇÃO

SEMINARIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

EIXO TEMÁTICO: GT 3 - Desinformação e iniquidades em Ciência e Saúde

**COMBATE À DESINFORMAÇÃO EM SAÚDE EM ESCOLAS DA CHAPADA
DIAMANTINA**

***COMBATING HEALTH MISINFORMATION IN SCHOOLS IN CHAPADA
DIAMANTINA***

Danielle Figuerêdo da Silva – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)¹

Ester Gomes Reis – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)²

Gabriele Batista dos Santos Freitas – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)³

Ive Caroline Rocha Moreira Mendonça – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)⁴

Nathane Cordeiro de Lima Amorim – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)⁵

Resumo: Populações que vivem distantes dos grandes centros urbanos enfrentam dificuldades no acesso a serviços de saúde e informações confiáveis sobre o uso adequado de medicamentos, o que pode levar à desinformação e ao uso inadequado. Este trabalho teve como objetivo promover a educação em saúde em escolas da Chapada Diamantina, conscientizando estudantes sobre os riscos de interações medicamentosas e o uso seguro de plantas medicinais. A ação foi realizada durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia de 2024, com atividades educativas em três escolas públicas, utilizando materiais informativos e um jogo interativo para estimular a participação dos alunos. A iniciativa alcançou cerca de 200 a 300 estudantes, que demonstraram interesse e compartilharam experiências pessoais relacionadas ao tema. Os resultados indicaram que a intervenção ampliou o conhecimento, fortaleceu o pensamento crítico e ressaltou a escola como espaço estratégico para promoção da saúde, contribuindo para enfrentar a desinformação e reduzir desigualdades no acesso à informação.

Palavras-chave: Educação em saúde; interações medicamentosas; desinformação.

¹ Danielle Figuerêdo da Silva – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), dfsilva@uefs.br

² Ester Gomes Reis – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), esterreis23@gmail.com

³ Gabriele Batista dos Santos Freitas – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), gabifb8@gmail.com

⁴ Ive Caroline Rocha Moreira Mendonça – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), carolrocha78@gmail.com

⁵ Nathane Cordeiro de Lima Amorim – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), nathaneamorim15@gmail.com

Abstract: Populations living far from large urban centers face difficulties accessing health services and reliable information on the proper use of medications, which can lead to misinformation and inappropriate use. This work aimed to promote health education in schools in Chapada Diamantina by raising awareness among students about the risks of drug interactions and the safe use of medicinal plants. The initiative was carried out during the 2024 National Science and Technology Week, with educational activities conducted in three public schools, using informative materials and an interactive game to encourage student participation. The project reached approximately 200 to 300 students, who showed interest and shared personal experiences related to the topic. The results indicated that the intervention expanded knowledge, strengthened critical thinking, and highlighted the school as a strategic space for health promotion, contributing to combating misinformation and reducing inequalities in access to information.

Keywords: Health education; drug interactions; misinformation.

1 INTRODUÇÃO

Populações residentes em áreas rurais ou remotas no Brasil enfrentam desafios significativos no acesso aos serviços de saúde, devido à escassez de infraestrutura, profissionais qualificados e meios de transporte adequados (Franco, Lima, Giovanella, 2021). Esses fatores estruturais dificultam não apenas a atenção direta à saúde, mas também o acesso a informações confiáveis sobre tratamento e uso racional de medicamentos (Portela et al., 2010).

A falta de informação confiável favorece a propagação de conteúdos enganosos, o uso inadequado de medicamentos e a adoção de práticas que colocam em risco a saúde da população (Brasileiro; Brito, 2024). Nesse contexto, a educação em saúde, quando realizada de forma acessível e contextualizada, atua como ferramenta essencial para promover melhora da saúde, ampliar o entendimento sobre cuidados preventivos e fortalecer a autonomia dos indivíduos frente às suas necessidades de saúde (Vieira et al., 2017).

Assim, este trabalho apresenta uma experiência educativa realizada em escolas da Chapada Diamantina, Bahia, durante a 21ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) de 2024. O projeto, vinculado ao programa de extensão “Identificação e Análise de Interações Medicamentosas em Prescrições Médicas”, teve como objetivo principal promover a educação em saúde, conscientizando estudantes sobre os riscos de interações medicamentosas e o uso seguro de plantas medicinais.

Para isso, foram aplicados materiais informativos, como folders, cartilhas e banners, além de um jogo interativo que estimulou a participação dos alunos. A ação

atingiu aproximadamente 200 a 300 estudantes de três escolas estaduais, promovendo a reflexão crítica e o engajamento dos jovens.

Os resultados indicam que a intervenção contribuiu para ampliar o conhecimento sobre o tema, evidenciando o potencial das estratégias educativas como ferramentas eficazes para combater a desinformação em saúde e reduzir desigualdades no acesso à informação.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Referencial teórico

A desinformação em saúde consiste na propagação de informações incorretas, enganosas ou falsas que podem comprometer decisões individuais e coletivas relacionadas ao cuidado e à prevenção (Sacramento et al., 2024). No contexto atual, as redes sociais se destacam como os principais canais de disseminação desse tipo de conteúdo, frequentemente na forma de “fake news”, que se espalham rapidamente e atingem grandes públicos (Brasileiro; Brito, 2024). Essa dinâmica dificulta o acesso a dados científicos confiáveis e contribui para o aumento do risco à saúde pública, ao promover práticas inadequadas, como o uso incorreto de medicamentos e a adoção de tratamentos sem comprovação científica (Matoso; Saraiva, 2023).

O uso inadequado de medicamentos pode elevar o risco de interações medicamentosas (IMs), sendo a automedicação um fator importante que contribui para a ocorrência dessas interações (Oliveira et al, 2018). A interação medicamentosa é a modificação, aumento ou diminuição do efeito de um fármaco diante de sua administração concomitante com outro fármaco, o que gera um desfecho distinto daquele onde se administra apenas um dos fármacos (Teixeira et al., 2021). Assim, as IMs podem ser prejudiciais para o paciente, podendo causar danos transitórios ou permanentes ao paciente, e até serem potencialmente letais (Carvalho et al, 2021).

Estudos revelam que muitas pessoas fazem uso de medicamentos ou plantas medicinais baseadas em prescrições anteriores, experiência anterior, conselhos de amigos, vizinhos ou família, por meios de comunicação, porque acham mais prático do que ir ao médico, ou precisam do resultado de forma imediata, entre outros fatores (Ferreira et al., 2021).

Um estudo realizado com adolescentes em escolas públicas e privadas, mostrou que a automedicação também é presente nessa população, sendo muitas

SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

vezes a família e os meios de comunicação os principais influenciadores dessa prática. O conhecimento dos adolescentes sobre medicamento e suas implicações na saúde se mostrou escasso e eles não apresentaram noções sobre uso racional de medicamentos (Silva et al., 2011).

Além da ampla circulação de informações equivocadas, as iniquidades no acesso à informação em saúde representam um fator agravante, sobretudo em regiões afastadas dos grandes centros urbanos. Estudos indicam que populações em áreas remotas enfrentam barreiras estruturais para obter conteúdos confiáveis, seja por limitações tecnológicas, baixa escolaridade ou ausência de serviços de saúde qualificados (Franco, Lima, Giovanella, 2021; Portela et al., 2010).

A Chapada Diamantina, localizada no centro do estado da Bahia é composta por diversos municípios dos quais Abaíra, Andaraí, Barra da Estiva, Boninal, Bonito, Ibicoara, Ibitiara, Iramaia, Iraquara, Itaetê, Jussiapé, Lençóis, Marcionílio Souza, Morro do Chapéu, Mucugê, Nova Redenção, Novo Horizonte, Palmeiras, Piatã, Rio de Contas, Seabra, Souto Soares, Utinga e Wagner fazem parte do Território de Identidade (TI) Chapada Diamantina (Andrade; Almirante; Oliveira, 2017).

O TI Chapada Diamantina tem população predominantemente feminina e rural. Apenas 48,4% de seus habitantes residem em áreas urbanas, proporção inferior à apresentada pelo estado da Bahia (72,1%). Além disso, a região apresenta Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) inferior à média nacional em diversos municípios, sendo apenas oito municípios com IDH acima da média da Bahia, de 0,660. O território ainda registra uma taxa média de analfabetismo em 20,8%, enquanto a média do estado fica em 16,3% (Andrade; Almirante; Oliveira, 2017).

Do ponto de vista educacional, além do alto índice de analfabetismo, as escolas públicas da região lidam com desafios como evasão escolar (Rede, 2025). Além disso, o saber tradicional tem grande presença no cotidiano dessas comunidades, com destaque para o uso popular de plantas medicinais e remédios caseiros, geralmente transmitido oralmente (Santos, 2021; Bastos et al., 2024).

Nesse cenário, a educação em saúde emerge como uma estratégia fundamental para o enfrentamento da desinformação. A literatura aponta que intervenções educativas podem melhorar a compreensão sobre informações em saúde, estimular a adoção de comportamentos saudáveis e fortalecer a capacidade crítica dos indivíduos frente às informações consumidas, sensibilizando e conscientizando sobre problemas relacionados à saúde (Vieira et al., 2017).

No Brasil e no mundo, o espaço escolar vem sendo utilizado como campo de promoção à saúde. Diferentes estratégias são utilizadas, como projeção audiovisual, discussão e diálogo, sendo no Brasil a maior predominância de recursos tecnológicos. Assim, a combinação de materiais didáticos com atividades interativas, têm demonstrado eficácia no aumento do conhecimento e na redução da propagação de mitos relacionados à saúde (Antonelli et al., 2023).

2.2 Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com enfoque em um estudo descritivo-interventivo, caracterizado como pesquisa-ação no campo da educação em saúde. A ação foi desenvolvida por uma docente e três discentes do curso de Farmácia, no contexto da 21ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT 2024). As atividades ocorreram em três escolas públicas localizadas nos municípios de Andaraí, Seabra e Lençóis, na Chapada Diamantina – BA.

A estratégia metodológica consistiu na realização de visitas a escolas públicas previamente selecionadas, durante as quais foram conduzidas atividades educativas presenciais com estudantes do ensino fundamental e médio.

A abordagem se deu por meio da exposição dialogada sobre o uso seguro de medicamentos e plantas medicinais, com foco nas interações medicamentosas, através de banners (Figura 1A e Figura 1B), distribuição de materiais informativos impressos (folder e cartilha), e aplicação de um jogo educativo desenvolvido especificamente para a atividade (Figura 1C). O conteúdo trabalhado abordou as interações medicamentosas com enfoque em três grupos populacionais: crianças e adolescentes, gestantes e lactantes.

Os banners e o jogo foram desenvolvidos especificamente para esse evento, sendo que o folder e a cartilha já são utilizados para outras ações extensionistas do projeto.

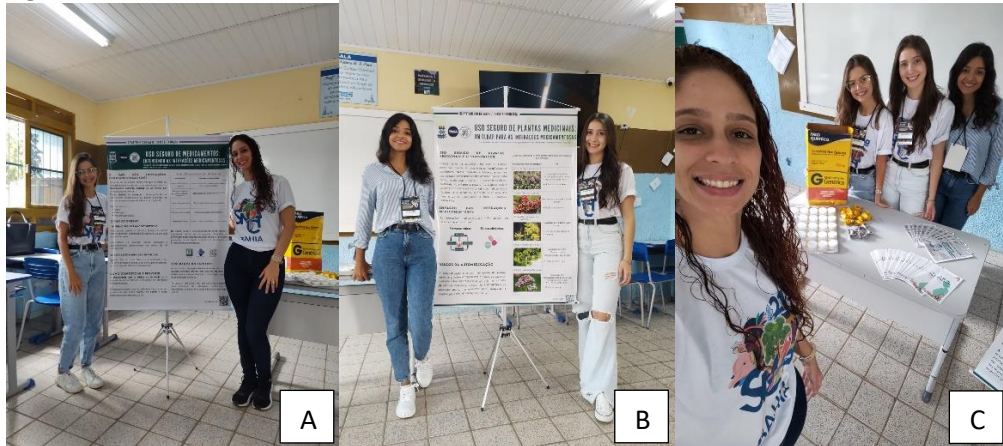
O banner “Uso seguro de medicamentos: entendendo as interações medicamentosas” abordou os conceitos de Interações Medicamentosas, como elas ocorrem, como identificar ou prevenir, alguns exemplos, além de informações de segurança do paciente. Já o banner “Uso seguro de plantas medicinais: um olhar para as interações medicamentosas”, trouxe uma introdução sobre o uso seguro de plantas medicinais e fitoterápicos, os impactos das interações medicamentosas, os riscos da

SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

automedicação, além de exemplos entre plantas medicinais e fitoterápicos com fármacos.

Figura 1 – Materiais utilizados nas ações nas escolas na Chapada Diamantina



(A) e (B) Banners elaborados sobre “Uso seguro de medicamentos: entendendo as interações medicamentosas” e “Uso seguro de plantas medicinais: um olhar para as interações medicamentosas” (C) Jogo interativo “Mitos e Verdades”, folder “É só um chazinho?”, cartilha “Guia prático: interações medicamentosas”.

Fonte: Autores (2024).

O jogo interativo “Mitos e Verdades” foi construído simulando uma caixa de medicamento gigante, contendo a embalagem secundária e a embalagem primária, em forma de blister. No blister, foram simulados a presença de 25 comprimidos, feitos com potes de acrílico com tampa. No corpo de cada pote havia uma pergunta sobre o que foi exposto nos banners, e na tampa a resposta se era um mito ou verdade.

As informações dos banners foram divulgadas pela equipe, que se revezou nas atividades. Em seguida, foi realizada a ação do jogo para fixar as informações, com alguns alunos que se voluntariaram, e por fim, o folder e a cartilha foram distribuídos.

O folder “É só um chazinho?” consta com informações sobre a segurança do uso das plantas medicinais na gestação e amamentação, evidenciando os riscos desse uso. Além disso traz uma lista de plantas contraindicadas e indicadas. Para essas últimas foi descrito também o modo de uso. A cartilha “Guia prático: interações medicamentosas” traz informações como: o que são interações medicamentosas, como evitar interações medicamentosas perigosas, fatores de risco, classificação, exemplos práticos de interações com medicamentos e alimentos.

A metodologia priorizou a linguagem acessível, a participação ativa dos alunos e o estímulo ao pensamento crítico.

2.3 Procedimentos de coleta e análise dos dados

A coleta de dados foi realizada de forma observacional, durante a execução das atividades educativas nas três escolas participantes. Foram consideradas as interações verbais dos estudantes, professores e outros membros da equipe escolar, os questionamentos realizados, as respostas ao jogo interativo e os relatos espontâneos sobre o uso de medicamentos e plantas medicinais no contexto familiar.

Os dados foram registrados por meio de anotações em campo e análise qualitativa das falas, permitindo identificar lacunas no conhecimento, bem como temas recorrentes de interesse dos estudantes, além de percepções e práticas relacionadas às interações medicamentosas.

2.4 Resultados

A ação educativa foi realizada entre os dias 15 e 18 de outubro de 2024, em três escolas públicas situadas nos municípios de Andaraí, Seabra e Lençóis, na Chapada Diamantina (BA), alcançando um público estimado entre 200 e 300 estudantes do ensino fundamental II e médio. A atividade integrou a programação da 21ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT), articulando ciência, extensão universitária e saberes locais.

Nas escolas de Andaraí e Seabra, as ações ocorreram em salas específicas, com a participação de turmas organizadas pelos professores, o que favoreceu o aprofundamento da abordagem. Já na escola de Lençóis, as atividades foram realizadas em um *stand*, em formato de feira, o que proporcionou uma interação mais dinâmica com estudantes e professores de diversas turmas (Figura 2).

Figura 2 – Ações realizadas nas escolas da Chapada Diamantina



(A) Colégio Estadual de Tempo Integral Edgar Silva - Andaraí (B) Colégio Estadual de Seabra - Seabra
(C) Colégio Estadual Renato Pereira Viana - Lençóis

Fonte: Autores (2024).

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO**

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

Durante as atividades, observou-se grande interesse por parte dos estudantes, que relataram experiências pessoais e familiares envolvendo o uso de medicamentos e plantas medicinais. Foram frequentes as dúvidas sobre interações entre medicamentos e álcool, bem como entre anti-inflamatórios e outros fármacos isentos de prescrição (MIPs).

Em estudo realizado por Leite et al. (2022) com adolescentes da zona rural de Vitória da Conquista (BA), observou-se que 14,4% da população do estudo utilizou medicamentos sem prescrição, sendo os medicamentos mais utilizados os analgésicos. O uso apresentou de medicamentos pelo grupo não quilombolas apresentou associação significativa com a experimentação de álcool. No Estudo de Abrahão, Godoy e Halpern (2013) os analgésicos, anti-inflamatórios e antitérmicos foram os medicamentos mais usados quando se considerava o período (última semana do estudo). Além disso, nesse estudo, foi observado o álcool como a droga mais utilizada pela população de adolescentes.

Já Matos e colaboradores (2018) ao avaliar a automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante de Minas Gerais, observou que a prevalência de automedicação foi de 69,3%, sendo os analgésicos/antitérmicos a principal classe farmacológica utilizada, seguida dos antigripais e anti-inflamatórios. Semelhante a isso Silva e Giugliani (2004), os analgésicos/anti-inflamatórios e antigotosos (32,5% do consumo) foram os medicamentos mais consumidos por adolescentes do ensino médio de Porto Alegre.

Com base nos dados da literatura, é possível perceber uma convergência entre os achados dos estudos e as observações feitas durante as atividades. A frequência de questionamentos relacionados ao uso de medicamentos sem prescrição, como analgésicos e anti-inflamatórios, reflete o padrão de automedicação já descrito pelos estudos supracitados. A preocupação dos estudantes com possíveis interações entre esses fármacos e o álcool também corrobora os dados dos dois primeiros estudos, que apontam o consumo de bebidas alcoólicas como comum entre adolescentes. Esses relatos indicam não apenas a relevância do tema para esse público, mas também a necessidade de abordagens educativas que promovam o uso racional de medicamentos e o reconhecimento de riscos associados ao consumo dessas substâncias com o álcool.

O uso concomitante de fitoterápicos com medicamentos alopáticos também foi destacado, especialmente casos como valeriana ou passiflora com bebidas alcoólicas,

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO**

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

e guaraná com analgésicos. Os estudantes demonstraram surpresa ao descobrir os riscos dessas associações e destacaram que nunca haviam recebido esse tipo de orientação antes.

Embora os estudos sobre automedicação com plantas medicinais e fitoterápicos por crianças e adolescentes ainda sejam escassos, Silva et al. (2022) observou que cerca de 66,5% dos pacientes pediátricos avaliados já haviam utilizado tais produtos alguma vez na vida, mas apenas 1,9% o fizeram por recomendação de um profissional de saúde. O uso rotineiro foi identificado em 10,5% dos casos, sendo as plantas de ação calmante, como camomila e erva-doce, as mais frequentes. Alarmantemente, 87,5% dos responsáveis afirmaram desconhecer possíveis riscos associados a esse uso.

Em estudo semelhante, Leite et al. (2014) identificaram que quase todos os adolescentes da rede pública de Patos (PB) já haviam utilizado plantas medicinais, muitas vezes por recomendação familiar, e que grande parte cultivava essas espécies em casa. A ausência de relatos de efeitos adversos reforça uma percepção equivocada de segurança, que pode mascarar os perigos do uso excessivo ou da combinação com outras substâncias, como medicamentos sintéticos ou álcool. Tais evidências reforçam a urgência de estratégias educativas que abordem de forma acessível e contextualizada os riscos potenciais dessas práticas comuns, muitas vezes naturalizadas no ambiente familiar.

O jogo interativo funcionou como uma ferramenta eficaz de fixação do conteúdo, sendo bem recebido pela maioria dos participantes, que demonstraram motivação em acertar as respostas e engajamento nas discussões.

Resultados semelhantes foram observados por Aguiar et al. (2018), que desenvolveram um jogo sobre saúde bucal aplicado a adolescentes da Amazônia, evidenciando alto nível de participação e interesse. A adesão imediata ao jogo indicou que métodos alternativos de educação em saúde são atrativos para esse público e favorecem a incorporação dinâmica do conhecimento. Os autores também destacaram a importância de jogos que dispensam energia elétrica e infraestrutura complexa, facilitando a aplicação em comunidades mais afastadas.

Já o estudo de Barbosa et al. (2010), que avaliou o impacto de um jogo educativo sobre doenças sexualmente transmissíveis, demonstrou que a atividade foi eficaz ao promover o aprendizado por meio de um ambiente participativo, favorecendo a interação, a reflexão e o esclarecimento de dúvidas.

SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

Assim como nas experiências descritas, a utilização do jogo na presente atividade contribuiu significativamente para o processo de ensino-aprendizagem, ao unir informação, diálogo e participação ativa, promovendo um espaço seguro e descontraído para a troca de saberes e a construção de conhecimentos relevantes para a saúde de crianças e adolescentes.

Vale ressaltar ainda que professores das instituições visitadas relataram a importância da iniciativa e a relevância do tema para a formação cidadã dos estudantes. Em Seabra, inclusive, a equipe interagiu com uma apresentação de estudantes sobre medicamentos, contribuindo com novos conhecimentos.

Ao final da atividade, os estudantes foram incentivados a buscar informações com profissionais de saúde e a utilizar recursos digitais confiáveis, como o site Drugs.com, além de acompanharem os perfis dos projetos de extensão envolvidos: @interamedd e @seubabyseguroo.

Essa ação evidenciou o potencial transformador da educação em saúde como ferramenta de combate à desinformação, além de contribuir para a promoção da equidade no acesso à informação entre populações escolares de regiões mais afastadas dos grandes centros.

3 CONCLUSÕES/ CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência nas escolas da Chapada Diamantina evidenciou a lacuna existente entre o conhecimento científico sobre o uso seguro de medicamentos e plantas medicinais e as práticas adotadas por jovens e suas famílias. Essa lacuna reflete não apenas a desinformação, mas também desigualdades no acesso à informação em saúde, especialmente em regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos.

Os relatos espontâneos dos estudantes sobre o uso doméstico de medicamentos e chás, sem orientação profissional, revelam um cenário em que a automedicação e a utilização de saberes populares coexistem sem o devido diálogo com o conhecimento técnico. Esse contexto potencializa o risco de interações medicamentosas, sobretudo em populações vulneráveis como gestantes, lactantes, adolescentes e crianças.

A ação educativa se mostrou eficaz não apenas por transmitir informações, mas por gerar envolvimento ativo e reflexão crítica, conforme observado nas interações durante o jogo e nas perguntas feitas pelos participantes. A receptividade dos

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO**

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

professores reforça o papel da escola como espaço estratégico para ações interdisciplinares de promoção da saúde.

Nesse sentido, a iniciativa dialoga diretamente com o objetivo da 21ª SNCT de valorizar os saberes locais e promover tecnologias sociais de impacto, como a educação em saúde baseada na escuta, no território e na linguagem acessível. Tais ações contribuem para enfrentar a desinformação e reduzir iniquidades no acesso ao conhecimento, aproximando ciência e comunidade de forma concreta.

REFERÊNCIAS:

ABRAHÃO, R. C.; GODOY, J. A.; HALPERN, R. Automedicação e comportamento entre adolescentes em uma cidade do Rio Grande do Sul. **Aletheia**, Canoas, n. 41, p. 134-153, maio/ago. 2013.

AGUIAR, N. L. et al. Jogo SB: estratégia lúdica de educação em saúde bucal para adolescentes na Amazônia. **Interdisciplinary Journal of Health Education**, v. 3, n. 1-2, 2018.

ANDRADE, H. O.; ALMIRANTE, A. O.; OLIVEIRA, J. B. Syschapada: sistema web como instrumento de potencialização para o desenvolvimento territorial na Chapada Diamantina. **Desenvolvimento Regional em Debate – DRd**, Chapecó, v. 7, n. 2, p. 76-95, jul./dez. 2017.

ANTONELLI, B. C.; et al. Programas de educação em saúde em escolas para adolescentes: revisão integrativa da literatura. **Distúrb. Comun.**, São Paulo, v. 35, n. 1, e57887, 2023.

BARBOSA, S. M. et al. Jogo educativo como estratégia de educação em saúde para adolescentes na prevenção às DST/AIDS. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 337-341, 2010.

BASTOS, N. G. et al. Parque Nacional da Chapada Diamantina: Etnobotânica do Benzimento e a Cura pelas Plantas. **Revista Semiárido De Visu**, v. 12, n. 3, p. 1321-1334, set. 2024.

BRASILEIRO, F. S.; BRITO, H. C. Desinformação em saúde na pós-pandemia: uma análise a partir da plataforma de fact-checking Agência Lupa. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 29, e98810, 2024.

CARVALHO, T.V et al. Análise de interações medicamentosas potenciais na UTI neonatal de um hospital público da Bahia. **Revista brasileira de farmácia hospitalar e serviços de saúde**, São Paulo, v. 1, p. 1 -8, 2021.

FERREIRA, F. C. G.; et al. O impacto da prática da automedicação no Brasil: revisão sistemática. **Braz. Appl. Sci. Rev.**, Curitiba, v. 5, n. 3, p. 1505–1518, 2021.

FRANCO, C. M.; LIMA, J. G.; GIOVANELLA, L. Atenção primária à saúde em áreas rurais: acesso, organização e força de trabalho em saúde em revisão integrativa de literatura. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 7, e00310520, 2021.

SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

LEITE, B. O. et al. Uso de medicamentos entre adolescentes rurais quilombolas e não quilombolas no interior da Bahia, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 1073-1086, 2022.

LEITE, I. A. et al. Plantas medicinais: conhecimento e utilização entre adolescentes da rede pública de ensino de Patos-PB. In: **Anais do Congresso Nordestino De Biólogos – CONGREBIO**, v. 4., 2014.

MATOS, J. F. et al. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 76-83, 2018.

MATOSO, L. M. L.; SARAIVA, A. M. M. Automedicação durante pandemia da COVID-19 e sua relação com as redes sociais. **Uniciencias**, v. 27, n. 1, p. 31–37, 2023.

OLIVEIRA, S. B.; BARROSO, S. C.; BICALHO, M. A.; REIS, A. M. Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência. **Einstein (São Paulo)**, v. 16, n. 4, eAO4372, 2018.

PORTELA, A. S.; et al. Prescrição médica: orientações adequadas para o uso de medicamentos? **Ciê. Saúde Colet.**, v. 15, supl. 3, p. 3523–3528, 2010.

REDE. Rede de Colaboração Intermunicipal em Educação. **Arranjo de desenvolvimento da educação da Chapada Diamantina e regiões**. Disponível em: <<https://www.redeintermunicipaledu.com.br/page-integrantes-item/22>>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SACRAMENTO, I. et al. **Guia para profissionais de saúde: desinformação sobre saúde: vamos enfrentar esse problema?** Coordenação geral: Thaiane Moreira. [S.l.]: INCT-CPCT; INCT-InEAC; INCT-DSI; Fiocruz; UFF, 2024.

SANTOS, C. A. Curador do Jarê: saberes e práticas tradicionais na Chapada Diamantina. **Afros & Amazônicos**, v. 2, n. 4, 2021.

SILVA, C. H. da; GIUGLIANI, E. R. J. Consumo de medicamentos em adolescentes escolares: uma preocupação. **Jornal de Pediatria**, São Paulo, v. 80, n. 4, 2004.

SILVA, I. M.; et al. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. **Ciê. Saúde Colet.**, v. 16, supl. 1, p. 1651–1660, 2011.

SILVA, S. L. P. et al. **Prevalência do uso de fitoterápicos e plantas medicinais em pacientes pediátricos submetidos a procedimentos cirúrgicos sob anestesia: um estudo transversal**. Projeto Institucional de Iniciação Científica (PIC/FPS) – Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, 2022.

TEIXEIRA, L. H. S.; et al. Interações medicamentosas em unidades de terapia intensiva do Brasil: revisão integrativa. **Braz. J. Health Rev.**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 7782–7796, 2021.

VIEIRA, M.; et al. Infância saudável: educação em saúde nas escolas. **Expressa Extensão**, v. 22, n. 1, p. 138–148, 2017.